

>  
*Remote Lisboa*,  
Stefan Kaegi e Rimini  
Protokoll, Lisboa, 2013,  
fot. Luís Martins.



## Todos morremos e enquanto isso...

Ana Campos

*Título: Remote Lisboa. Conceito, guião e direção artística: Stefan Kaegi (Rimini Protokoll). Desenho de som: Nikolas Neecke. Cocriador: Jörg Karrenbauer. Dramaturgia: Juliane Männel, Aljoscha Begrich. Direção de produção: Juliane Männel. Tradução da versão portuguesa: Joana Frazão. Guias do percurso: Alfredo Martins, Patrícia Azevedo da Silva e Teresa Fradique. Assistentes percurso: Catarina Ferreira, Mafalda Santos e Rafaela Gonçalves. Produção: Rimini Apparat. Coprodução: HAU Hebbel am Ufer Berlin, Maria Matos Teatro Municipal e Goethe-Institute Portugal, Festival Theaterformen Hannover / Braunschweig, Festival d'Avignon, Zürcher Theater Spektakel, Kaserne Basel. Financiado por: Capital Cultural Fund Berlin, Swiss Arts Council Pro Helvetiauma, Fachausschuss Theater/Tanz Basel. Local e data de estreia: Cemitério dos Olivais e Junta de Freguesia dos Olivais, GIL, REFER e CP, Centro Comercial Vasco da Gama, Ex-Hospital da Marinha e Hospital das Forças Armadas, Lisboa, 30 de Maio de 2013.*

Espectáculo para um espectador, *Remote Lisboa*, também apresentado, com as devidas adaptações, em outras cidades europeias, integrando o projecto *Remote X*, é, sem dúvida, o confrontar do indivíduo com duas questões fundamentais: quem é ele em si mesmo, e quem é enquanto elemento de uma sociedade. A primeira questão leva o espectador a olhar de frente a própria morte, a finitude da sua existência e a responsabilidade imensa que isso coloca sobre os seus próprios actos. Por outro lado, a segunda questão coloca-o lado a lado com todos os outros elementos do grupo, organizados entre si naquele momento como uma tribo. Nesse grupo, o indivíduo é obrigado a perguntar-se até onde é capaz de ceder em prol do colectivo, que responsabilidade tem sobre os outros elementos, onde começam e acabam os seus limites individuais e que entidade é aquela que se forma ali naquele conjunto. Usando sempre a linguagem dos videojogos, a virtualidade, aqui, torna-se real. O espectador é ele mesmo o avatar controlado exteriormente por uma voz e interiormente pelas opções que faz a cada instante durante as duas horas

do espectáculo. Enquanto espectadora, sem qualquer moralismo, fui colocada perante factos que não posso rebater: sou mortal, vivo em sociedade e tenho um papel dentro dela.

Um cemitério e um par de auscultadores foram suficientemente intimidantes para quem, no final de uma tarde do princípio do Verão, decidi participar no misterioso espectáculo concebido por Stefan Kaegi. Uma voz digital dirigia cada elemento do público por campas, que, à medida que a sua percepção era orientada, se tornavam cada vez menos sinistras. Foi pedido que escolhessemos a nossa própria campá e que nos colocássemos frente a ela, pensando na pessoa ali sepultada, como teria sido a sua vida, quem foi e como teria sido a sua família. Eu escolhi a de um homem, repleta de flores frescas, que teria eventualmente morrido de acidente de viação, ou de outra forma certamente abrupta e numa idade muito jovem ainda. Dele, lia-se nas placas, guardavam memórias a sua mãe e a sua namorada, e eu também, a partir daquele momento. Acabara de ressuscitar uma pessoa e isso fez-

Ana Campos  
é Mestre e doutoranda  
em Estudos de Teatro  
na Faculdade de Letras  
da Universidade de  
Lisboa e investigadora  
do Centro de Estudos  
de Teatro. É também  
membro da Associação  
Portuguesa dos Críticos  
de Teatro.



<> v <v>

Remote Lisboa,  
Stefan Kaegi e Rimini  
Protokoll, Lisboa, 2013,  
fot. Luís Martins.



me reflectir seriamente que um dia eu estaria ali no lugar desse jovem e não fazia ideia de quem me recordaria nem por que razões. Esta sensação de colocar a vida em perspectiva acompanhou-me até hoje.

A tensão sentia-se em todos os elementos do grupo. Ninguém estava muito seguro do que poderia acontecer em seguida (e será que em algum circunstância podemos estar?) já que começámos pelo próprio fim. Seguimos das campas para a capela mortuária e o silêncio continuou a acompanhar-nos. Apenas a voz artificial e os corpos dos outros espectadores estabeleciam ligação com o mundo que conhecêramos até ali. Estava, contudo, enganada, pois, a pouco e pouco, também essa voz nos elevava para um nível transcendental da nossa existência. Senti-me dominada pela sensação de que não controlo nada e que, quando em algum momento da minha vida o julguei estar a fazer, estava completamente iludida. Caminhámos por detrás do cemitério, éramos agora um grupo, os mais rápidos esperavam pelos que não conseguiam andar tão depressa, sentimos que precisávamos uns dos outros, que estávamos juntos. Não nos conhecíamos mas sabíamos que tínhamos de nos proteger, por isso mesmo, por naquele momento, naquele lugar, àquela hora querermos ser também uma das gotas individuais no largo oceano.

Calcorreámos os Olivais, vi o que nunca tinha visto e sempre lá estivera, senti-me, por isso mesmo, cada vez mais anónima e mais poderosa dentro do grupo. Ao pé do rio, o grande centro comercial acolheu-nos como um paraíso conhecido, mas não era. À entrada do metropolitano, eu e os outros, agora nós, parámos para observar quem passava. Onde estava o espectáculo e quem era o espectador? Ficámos mais frágeis ao dividirmo-nos em pequenos grupos. No parque de estacionamento, dentro do centro comercial, na sala de espera da estação continuámos a observar e a agir em conjunto de forma organizada através das directrizes que recebemos pelos auscultadores. A concertação dos nossos gestos criava-nos uma barreira psicológica de protecção em relação aos transeuntes mas, dentro de mim mesma, perguntava-me até onde seria capaz de continuar, quais dos meus limites seria capaz de ultrapassar.

Entrámos na primeira classe de um comboio. O bilhete já fora pago por alguém, só nós não sabíamos que íamos estar naquele lugar àquela hora. A viagem, embalada por Marisa Monte, fez-me chorar, não de tristeza mas de choque. Sentia que não tinha visto nada até àquele momento, que andara enganada, que a nossa percepção individual é, de facto, extraordinariamente limitativa. Ali, ao som daquela música, conduzida pela mente de Stefan



&lt; &gt;

Remote Lisboa,  
Stefan Kaegi e Rimini  
Protokoll, Lisboa, 2013,  
fot. Luís Martins.



Kaegi e da sua equipa, eu vi outra Lisboa, revi toda a minha vida e vi-me interiormente com uma nitidez que nunca conhecera. Pensei quem seria eu afinal, que grau de veracidade perante mim própria já conseguira atingir para ter conseguido viver até então tão alheada da minha mortalidade, da minha insignificância no ciclo infinito do tempo e, ao mesmo tempo, da minha força como um elo tão forte como qualquer outro na cadeia da humanidade.

Saimos na última paragem e entrámos numa porta discreta numa ruela nas traseiras de um edifício. Era um hospital. Quando entrei na morgue pensei, mais uma vez, na distância ínfima que vai da vida à morte, de como um corpo vivo será em breve um corpo morto, sem saber o que irá acontecer a tudo aquilo que sou, que penso, que recorde e que sinto. Serão a vida e a morte algo de tão diferente? Acabámos aquela viagem nas nuvens, a olhar o céu. Do cimo do edifício, a vista arrebatadora não nos prendia o olhar mas o céu lembrava-nos como somos, reforçando a ideia da nossa finitude. A morte ali a um simples passo tornava-se quase tentadora, se dela pudéssemos voltar. A pergunta que estava sempre presente era: o que está para além do conhecido e como seremos nós do outro lado da vida?

Mais uma vez, Stefan Kaegi, na linha do que tem sido

o projecto artístico dos Rimini Protokoll, interpela a realidade através da experiência individual de cidadãos anónimos a que chama "experts da realidade". O choque entre o olhar suíço – de quem concebeu este espectáculo – e o nosso próprio olhar – sobre a cidade em que vivemos – tornou-se extremamente produtivo e acabou por se fundir na existência de cada um dos elementos do público que saiu dali certamente transformado. Foi criado um efeito de estranhamento, também ele marca característica do trabalho da companhia, constituída por Helgard Haug, Daniel Wetzel e pelo próprio Kaegi, que deslocam o espectador da sua perspectiva habitual para um novo ponto de observação capaz de lhe abrir uma outra janela sobre o que o rodeia.

Os fragmentos colados de discursos de políticos portugueses com as músicas, excertos radiofónicos, textos que por vezes cortavam a voz artificial, são arcos de um registo pós dramático em que os Rimini Protokoll claramente se situam. Também o jogo da inversão do papel do espectador enquanto sujeito observador e objecto observado, bem como o trabalho sobre o drama existencial de cada pessoa como forma de modelar o próprio texto do espectáculo são, para mim, o que de mais apaixonante esta companhia tem para propor: transformando esse drama na alucinante experiência de um videojogo não virtual.